

DUPLO ESPELHOS: IMAGEM E REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL E EM MOÇAMBIQUE

Denise Ferreira da Costa **Cruz**¹

Resumo: O presente artigo é uma reflexão sobre a representatividade de mulheres negras moçambicanas e brasileiras nos espaços da internet contemporânea. Ele foi escrito a partir de pesquisas de campo empreendidas nos anos de 2011, 2015 e 2017 na capital de Moçambique, Maputo, e na capital do Brasil, Brasília, onde realizamos entrevistas e observação participante. Nele, apresentamos a ideia de que esses espaços online se configuram como lugares de construção de narrativas outras em que a beleza assume papel central como linguagem e construção da representatividade.

Palavras-chave: representatividade negra, cabelos, mulheres negras, mulheres moçambicanas

A pair of mirrors: the image and representation of Black Women in Brazil and Mozambique

Abstract: The present article is a reflection about the representation of black women from Mozambique and Brazil in contemporary spaces in the internet. Produced based off of research in the areas of understanding in the years 2011, 2015 and 2017 in the Maputo, Capital of Mozambique and Brasília, Brazil, the research included interviews and participant observation. We put forward the idea that these serve as spaces or sites of the construction of different narratives in which beauty assumes a central role as the language of creation and representation.

Keywords: black representativity, hair, black woman, mozambican woman

Descobriu, certo dia, um grupo no Facebook que era dedicado a mulheres e homens que queriam passar a cuidar dos seus cabelos na textura crespa. Ficou fascinada com a descoberta. Afinal, ela desejava ter os cabelos tratados daquela forma, mas não sabia como fazê-lo. Desde muito pequena conhecia as tranças, e depois passou a *desfrisar*, colocar extensões, trançar os cabelos. O grupo Carapinha do Índico era um universo a ser explorado. Todos os dias mulheres de todo país postavam fotos da sua carapinha e recebiam elogios, falas estimulantes e entusiasmas. Elas postavam relatos sobre o desconforto de usarem a carapinha, as críticas que recebiam, e as outras mulheres reagiam de maneira a estimular a persistência em mantê-los crespos. Discutiam sobre os melhores produtos a serem utilizados, onde comprar e por qual

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil. E-mail: denisecruz@unilab.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6249-8041>

preço. Trocavam receitas que aprenderam experimentando. Falavam dos salões que frequentavam, sobre o melhor preço, a qualidade do atendimento, o ambiente. Viviam uma verdadeira fraternidade virtual.

Surgiu então a ideia de criar um blog sobre cabelos “naturais”. Inspirado em sites brasileiros e norte-americanos, essa seria uma versão moçambicana de dicas, depoimentos e debates para quem quisesse se aventurar por aquele universo. O desafio era enorme. Os produtos encontrados no Brasil e nos Estados Unidos não eram encontrados ali. Vanda então começou uma busca por ingredientes naturais disponíveis no mercado moçambicano e lançou o “Natural”. Em pouco tempo, encontrou várias mulheres interessadas no assunto. O blog fez sucesso e ela conheceu várias mulheres que se prontificaram em dar depoimentos e a participar do site. Com relatos das experiências de várias carapinhas, o blog se tornou o primeiro do país a tratar do assunto. Recebeu elogios e teve milhares de leitoras de muitas regiões.

Encontrou o desafio de descobrir os melhores produtos para seus cabelos e tinha o cuidado de ressaltar que o que era bom para seu cabelo talvez não fosse o ideal para outros cabelos. Ela sugeria o experimento. Comprar produtos, experimentar, criar receitas. Tudo isso era documentado em seu portal e ela seguia dando dicas, aprendendo e praticando com sua carapinha aquilo que não aprendera a fazer na infância. Uma rede de mulheres se reunia ao seu redor e ela sabia que não estava sozinha naquela empreitada. A cada dia mais adeptas do cabelo crespo surgiam e ela ficava ainda mais entusiasmada com o feito.

Eis que então surgiu a oportunidade de viajar para o Brasil. Sabia que naquele país um forte movimento de uso do cabelo crespo estava se delineando. Foi à Brasília e entrou em contato com um grupo de mulheres que se reunia virtual e presencialmente. Eram as Crespas e Cacheadas do DF. Além de se apoiarem na rede social, elas se encontravam com certa frequência para compartilhar experiências, trocar produtos, desabafar, e se verem representadas. Vanda achou aquilo tudo fascinante. Em um dos encontros, ela pôde ouvir as dificuldades de usar o cabelo crespo no Brasil. Percebeu que um verdadeiro preconceito capilar existia naquela cidade e que ser crespa era desafiar uma estética que estava relegada ao feio, ao temeroso, ao indesejável. Ficou surpresa com o fato de mulheres com os cabelos cacheados passarem pelas mesmas dificuldades. Em Maputo, cabelos cacheados estão em alta e são apreciados como um dos penteados possíveis. Como mulheres *mestiças* poderiam ter seus cabelos cacheados considerados feios?

Conversou com as mulheres que lá estavam e que se reuniam em piqueniques. Em conversas onde cada uma tinha a sua vez de falar, ouvia-se desabafos, relatos, experiências.

Todas ouviam com atenção umas às outras e tinham respeito e cuidado com a fala de cada uma que estava presente. Ao final, aprendiam como amarrar turbantes, como cuidar do cabelo no dia seguinte ao lavar e trocavam produtos que encontraram no mercado para cabelos crespos, que cresce cada vez mais nesse país. Comentavam como *lidavam* com o fato de terem cortado os cabelos, falam da infância, de quando não sabiam cuidar dos seus cabelos na textura crespa e acreditavam dar trabalho demais. Falavam sobre como amavam seus cabelos e como reservavam um dia da semana para hidratá-los, cuidá-los e como isso era prazeroso e empoderador. Era uma fraternidade virtual e presencial. Chamavam-se de família cacheada, família crespa. Algumas já se conheciam de outros piqueniques. Outras chegavam pela primeira vez e eram muito bem recepcionadas. Era um ambiente onde elas podiam falar, um espaço de cura: cura dos sentimentos abafados pela experiência racista; cura pela troca e afetividade.; cura do sentimento de inadequação que sentem ao optar pelos cabelos crespos.

Vanda se perguntava porque aquelas mulheres, que aos seus olhos eram *mestiças*, usavam esse espaço para falar que eram *negras*. Sentiu certa confusão e ficou reticente quanto a essa diferença. As Carapinhas do Índico não queriam se afirmar *negras*. *Negras* elas eram com o cabelo que quisessem ter. Para elas, a afronta consistia em não alterar os penteados com muita frequência, em usar os cabelos na textura crespa sem serem questionadas sobre quando mudariam aquele penteado. Pensou, observando as mulheres de Brasília, que usar sempre o cabelo *desfrisado* em Maputo não implicava o mesmo incômodo. E se perguntou, agora afetada pela sua experiência no Brasil, o porquê disso acontecer. “Será que não há uma conexão entre essas mulheres brasileiras e as mulheres moçambicanas?” “Porque *desfrisar* é algo generalizado e aceito aqui e lá?”, questionava-se, inquieta.

Sua estadia no Brasil foi importante para perceber que, embora houvesse algumas diferenças na lida com os cabelos crespos, mulheres *negras* e *mestiças* aqui e lá vivenciavam experiências que se conectavam. Ela podia compreender a angústia daquelas mulheres como uma irmã de terras distantes. No desabafo das irmãs brasileiras, ela entrava em contato com um sentimento semelhante ao que teve quando decidiu usar seus cabelos crespos; ao ser criticada ao fazer o grande corte e ao permanecer em variações do penteado com os cabelos crespos. Algo as unia. Lembrou das amigas que usavam os cabelos em *dreads* em Maputo e a dificuldade em ter esse penteado aceito na cidade. O mesmo acontecia no Brasil.

Introdução

O trecho que abre o presente texto é uma ficção etnográfica² e foi uma tentativa de imaginar um encontro entre Vanda Cruz e as minhas interlocutoras de Brasília. Essa viagem, que é o inverso do que vivenciei, abre um tema importante que surgiu em meu caminhar, o ciberativismo: a atuação estético-política no espaço virtual e para além dele. É importante destacar que a atuação *online* não se separa da atuação *offline*. Estar nesse espaço que chamamos de virtual não é apartar-se do que chamamos de real. Virtual e real são lados da mesma moeda e apresentam o mesmo impacto estético em relação à atuação das mulheres que conheci. Essa afirmativa ficará mais evidente ao longo desse texto. Para ele, inspirei-me em um *blog* moçambicano e de autoria de Camila Sequeira Paco: o Naturalíssima³. Pude entrevistá-la por um dia em Maputo, em seu trabalho, sobre sua trajetória e seu *site*. Outra interlocutora que possui um *blog* voltado para cabelos crespos é a brasileira Beatriz de Andrade. Seu *blog* chama-se Jeitinho Próprio⁴. Para etnografar essa esfera do trabalho, recapitulo vivências virtuais e presenciais que pude experimentar e trago elementos para pensar como esses espaços na internet, que atualmente fazem parte do cotidiano de qualquer pesquisador que esteja engajado com pessoas dos centros urbanos, e algumas vezes mesmo de fora deles, têm tomado conta da vida de inúmeras pessoas na contemporaneidade, assim como dos meios de comunicação de massa. A presente reflexão está ancorada em pesquisa realizada entre os anos de 2013 e 2017 nas cidades de Brasília e Maputo.

Vídeos do portal Youtube que “viralizam” – ou seja, que são amplamente divulgados em vários meios como o Facebook e outras mídias sociais – estão sendo mencionados e utilizados na televisão. Os mesmos têm ganhado dimensões ainda maiores contemporaneamente no contexto da pandemia COVID-19, em 2021. Algumas pessoas entendem esses espaços virtuais como espaços “alternativos”. Não considero ser essa uma qualificação adequada para essas mídias, uma vez que elas vêm tomando conta da vida das pessoas de maneira significativa e vêm transformando outras mídias de maneira recíproca. A televisão não realiza mais sua programação sem os vídeos que têm sido propagados pela internet.

² O termo aqui utilizado refere-se a um gênero textual em que lanço mão em minha tese para não expor diretamente minhas interlocutoras.

³ <http://www.naturalissima.co.mz>

⁴ <http://www.jeitinhoproprio.com.br>

Muitas pessoas consomem a televisão por meio da internet e não com os programas que a televisão aberta nos quer fazer consumir passivamente. Além disso, a internet é regulada por um mercado que explora os conteúdos que serão ali exibidos. Muitas vezes, os vídeos que são exibidos com mais frequência o são porque foram pagos para que isso aconteça. Existem estudos recentes sobre o que especialistas chamam de “algoritimação”. Onde sabemos existir uma divulgação maior de artistas brancas. Por outro lado, a internet é um espaço que permite a atuação de pessoas que antes não podiam participar dos espaços midiáticos.

Importante destacar que esses corpos que são divulgados na web estão localizados sobretudo em centros urbanos que têm saneamento. Ou seja, em espaços circunscritos a uma camada média. O que significa dizer que ela está inserida em um contexto hierárquico, racializado, capitalista e assimétrico. Todos os preconceitos de cor/raça são experimentados no espaço virtual de maneira violenta e significativa para aqueles que transitam nesse espaço. Eu poderia enumerar vários ataques racistas que atrizes, modelos e trabalhadores de outras áreas sofreram ao longo dos anos que realizei a pesquisa. Mas não é esse o intuito do presente texto. O que pretendo é enfatizar a subversão desse espaço, que não é neutro, em um espaço de escuta, de fala e de engajamento estético-político.

Muito tempo da minha pesquisa realizada entre 2013 e 2017 foi vivenciado no espaço virtual. Eu acompanhei vários debates, conversas, desabafos, elogios, brincadeiras, imagens que foram postadas em três grupos de discussão do site de relacionamentos Facebook: Carapinha do Índico, A(r)mando o Black e Crespas e Cacheadas do DF. O primeiro engloba pessoas de Moçambique e outras partes do mundo. O segundo é composto, sobretudo, por pessoas de Belo Horizonte, Minas Gerais, e o terceiro, como o próprio nome indica, é composto por pessoas da região do Distrito Federal. Vejo que esses espaços virtuais e de encontros são espaços políticos, como o são os salões étnicos já estudados pela literatura sobre cabelos crespos (Gomes, 2002: 75), pois: i) promovem um espaço de experimentação de novas possibilidades de cuidados com o corpo; ii) são espaços para debates sobre racismo e discriminação; iii) são espaços que possibilitam a troca e o reconhecimento mútuo de uma estética geralmente relegada ao lugar do feio; iv) são espaços onde conhecimentos sobre cuidados com o corpo e os cabelos são compartilhados a despeito de haver ou não representatividade nos grandes meios de comunicação e no mercado; v) são espaços que criam lugar para a representatividade de uma estética outra. Além disso, eu me tornei e permaneci amiga de algumas interlocutoras de pesquisa e tivemos vários debates e conversas através do Facebook e pessoalmente. Assuntos esses que circundavam noções sobre ser *negra*, ser *mestiça*, ser *branca* e sobre outros assuntos.

Passar várias horas diante do computador lendo os debates e algumas (raras) vezes participando deles trouxe um sentimento de certa passividade na pesquisa e representou uma experiência diferente daquela que é classicamente vivenciada por antropólogas: ir a campo, conversar com pessoas, conviver de perto. Com isso não quero dizer que não houve momentos de interação face a face, mas sim que grande parte da pesquisa também foi realizada diante do computador. Guardo para mim, já há alguns anos, uma postura de não debater na internet. Busco preservar minha vida, não expondo muito minhas opiniões no espaço virtual. Por isso não participei tão ativamente de debates, conversas e brincadeiras que minhas interlocutoras fizeram ali. Isso me colocou como observadora, mas sei que outras pessoas nos grupos também mantêm essa postura de ser mais espectadora do que participante ativa. Não são todas as pessoas que expõem suas opiniões e se mostram nesse espaço. Essa postura, que pode parecer assimétrica ou desigual, se dá por eu já ter me desgastado muito debatendo na *web*.

Para evitar sentimentos de ansiedade e desgaste emocional, eu me coloquei como observadora. Importante falar desse desgaste porque sei que muitas mulheres que postam desabafos e comentários nesse espaço estão também se exaurindo, se expondo. Por isso considero ser importante afirmar que elas se apresentam como pessoas muito corajosas e engajadas nos grupos de discussão. Ainda assim, embora minha postura possa parecer desigual, me coloco aqui como admiradora daquelas que têm coragem de fazer esse tipo de debate e peço licença por ter me posicionado a partir da escuta. Mas essa postura não me isentou de participar em alguns momentos.

Comecei, por exemplo, um debate sobre o uso do nome Crespas e Cacheadas do DF, questionando o porquê dessa distinção. O grupo antes era chamado de Cacheadas do DF, até uma mulher cujos cabelos são crespos reivindicar o lugar das crespas no grupo. Importante essa distinção, que está ancorada na hierarquia das texturas capilares. Além disso, dei uma entrevista para o canal no Youtube da Beatriz de Andrade, na qual falei sobre a minha *transição capilar* e sobre a minha experiência como pesquisadora em Maputo. Divulguei esse material no Facebook, mesmo tendo ficado um pouco envergonhada com a entrevista. Fiquei envergonhada por uma questão de timidez e não pelo conteúdo da mesma, e divulguei pela honra de ter participado desse espaço que ela me convidou.

Para utilizar o conteúdo postado na internet eu perguntava a cada uma que havia postado se poderia utilizar aquela imagem ou aquele comentário em minha tese. Aquelas que respondiam positivamente entravam para meu diário, que era feito no computador. Para algumas conversas, eu não tive autorização para utilizar a identidade da pessoa, e optei por

manter o sigilo da dona da palavra. Considero que esse é um espaço que nos permite abordar questões sobre representatividade negra a partir da estética, compartilhamento de conhecimentos, movimentos associativos, lutas por reconhecimento e parentesco por afinidade. Todos esses temas, que são correlacionados, estão retratados no texto que segue. Falarei de cada um deles a seguir.

Representatividade negra

As mídias que projetam imagens – televisão, cinema, internet – ocupam um lugar relevante na formação da autorrepresentação *negra*. As imagens projetadas nesses espaços midiáticos não são impunes ou destituídas de aspectos político-ideológicos. Como bem apontou Araújo (2000, 2008), as representações de pessoas *negras* na televisão brasileira se deram, pelo menos até a década de 80, apenas com papéis subalternos. As atrizes e atores que atuavam na televisão até esse período faziam, não raras vezes, papéis de escravizados, empregadas domésticas e não assumiam papéis de protagonistas. Essa abordagem, além de errônea, desperta na subjetividade daquelas pessoas negras que assistem sentimentos de inferioridade e questões com a autoestima. Desde os primeiros anos do tráfico Atlântico, pessoas que aqui aportaram assumiram não somente o papel de escravizados, mas também de funcionários da colônia. No Brasil, a presença de escravizados libertos se dá pelos menos desde o século XIX. Trazer a complexidade das configurações sociais nos permite vislumbrar outras imagens sobre nós mesmas. Ademais, o tema da discriminação racial não era representado nesses espaços. Quando a *negra* ou o *negro* estava na tela o racismo era uma questão que não existia, fazendo com que esses espaços perpetuassem o mito da democracia racial. Nas palavras de Araújo (2008):

O racismo brasileiro apareceu na telenovela somente como uma das características negativas do vilão, e não como um traço ainda presente na sociedade e na cultura brasileira. Até o final dos anos 90, poucas telenovelas trataram a discriminação racial contra o negro brasileiro de forma direta. Na tele-ficção, assim como na nossa sociedade, a vergonha de demonstrar o próprio preconceito, ou o ‘preconceito de ter preconceito’, conforme alertava o sociólogo Florestan Fernandes, criou o tabu que inibe a manifestação aberta do racismo e fortaleceu o consenso em torno do mito da democracia racial brasileira. (Araújo, 2008: 981).

Essa falta de representatividade *negra* nos espaços midiáticos reforça a invisibilidade dessa parcela significativa da população brasileira, além de significar uma preterição de atrizes e atores *negros* no mercado de trabalho. A representatividade das mulheres e homens *negros* na grande mídia no Brasil ainda hoje se revela insipiente. Em novembro de 2013, no mês da Consciência Negra, modelos e atrizes *negras* desfilaram nus em protesto pela ausência da

presença *negra* nesses espaços. O evento aconteceu na Zona Portuária do Rio de Janeiro, em frente ao espaço onde acontecia os desfiles do Fashion Rio, e foi um ato a favor da presença dos 10% de modelos *negros* na publicidade. Tal expressão política revela a precariedade da presença de modelos *negros* no Brasil. Santos (2000) pontua que as modelos *negras* são enviadas para fora do Brasil, sendo rejeitadas pelo mercado da moda brasileira. Falar de representatividade é falar, além da formação da autorrepresentação, de mercado de trabalho. Das desigualdades dessa disputa pelo reconhecimento no mercado capitalista. É importante ainda atentarmos para a precariedade que esse ramo de atuação implica. Muitas vezes, pessoas que trabalham como modelos pagam para realizarem portfólios e seleções, além de terem gastos consideráveis de dinheiro para a manutenção da aparência.

O que a etnografia revela é que, apesar de não haver espaços de representatividade na grande mídia, outros lugares são cultivados por serem de representação. Por exemplo, o Encrespa Geral de Belo Horizonte que aconteceu no dia 19 de Setembro no Shopping Uai, 2014, em uma região central da cidade. Na parte superior do Shopping, estavam organizados alguns *stands* que expunham produtos para cabelos, roupas, acessórios, bijuterias e cosméticos. Eram produtos voltados para a população *negra*. O espaço para a plateia estava organizado com cadeiras de plástico, havia um som com microfones e um lugar reservado para as palestras e apresentações.

Assim que cheguei encontrei com a minha ex-cabeleireira e personagem do livro “*Sem perder a raiz*” da professora Nilma Lino Gomes, a Dora. Ela estava linda, com um turbante colorido e uma roupa larga de tecido afro, maquiada e sorridente. Logo ela me reconheceu e começou a falar das conquistas do salão Dora Cabeleireiros, como o Prêmio Bom Exemplo, promovido pela Fundação Dom Cabral e pela rede de televisão Globo Minas. Interessante observar a subversão que uma pessoa como a Dora faz ao receber um prêmio como esse. Uma vez que a rede Globo Minas nos representa sempre de maneira subalterna, não deixa de ser interessante e inquietante que uma pessoa como a Dora receba um prêmio como esse.

Existe um reconhecimento do seu trabalho em alguma esfera. Seu salão e sua atuação, contudo, não está projetada nas telas da televisão. Seu trabalho não é reconhecido como uma personagem de novela é reconhecida. Enfim, receber um prêmio como esse é subverter essa lógica da falta de representatividade nesses espaços midiáticos, com grandes ressalvas sobre o que significam os espaços de representatividade. Que tipo de reconhecimento é esse que lhe dá um prêmio ao mesmo tempo que apresenta em sua tela uma falta de respeito e consideração pela presença *negra*? Como foi possível que uma mulher de tamanha expressividade como a

Dora tenha recebido esse prêmio, ao mesmo tempo que a instituição provedora do mesmo nos relegue a lugares subalternos e questionáveis?

Dora apresentou-me uma invenção que criara para mulheres que não querem passar pelo grande corte de cabelo ao optarem por usar seus cabelos “naturais”: um aplique “pufe”, que pode ser usado por cima do cabelo curto. Com esse recurso, uma mulher pode passar pela *transição capilar* de maneira mais branda, disfarçando publicamente esse momento tão importante em nossos processos de transformação corporal e autoaceitação. Além de ser uma invenção bastante criativa, ela é solidária à experiência que várias mulheres e homens *negros* vêm passando atualmente. O interessante nesse evento foi observar que, mesmo não conhecendo a maioria das pessoas que estavam ali, eu me sentia em casa, reconhecendo alguns rostos familiares. Essa é a cidade onde nasci, onde passei por minha *transição capilar*, onde circulei pelos movimentos *negros* e onde aprendi a cuidar dos meus cabelos na textura crespa.

As palestras do Encrespa Geral de Belo Horizonte foram feitas por pessoas que estão engajadas com a questão racial em Belo Horizonte. Nomes como Iara Félix, geógrafa e pesquisadora do movimento feminista e empoderamento juvenil, e Mara Catarina Evaristo, autora do livro “Griot Mirim”, falaram sobre a hierarquização das texturas capilares, sobre cabelos e história, sobre cabelos e identidade. O evento contou ainda com a participação da Miss Minas Gerais, Karen Porfírio, que usa seus cabelos crespos e é *negra*. Com entusiasmo, a plateia gritava que ela os representava. O Encrespa Geral se apresenta como um espaço político de promoção da valorização de uma estética *negra*. No momento do evento, um reconhecimento mútuo sobre a possibilidade de elaborar outra estética e de celebrá-la é promovido. Cria-se um espaço de autorrepresentatividade, onde mulheres e homens se auto-referenciam a despeito de não haver uma representatividade *negra* na grande mídia. A presença de Karen Porfírio no Encrespa Geral e o entusiasmo com o qual ela foi recebida pela plateia do evento são provas do desejo de se ver mulheres e homens *negros* como modelos de beleza.

O evento estava cheio e, embora eu não possa precisar o número de participantes, posso afirmar que toda a parte superior do Shopping Uai, que é um Shopping popular, estava cheia de pessoas *negras* de todas as idades. A música preenchia o espaço dando um clima festivo ao encontro e, enquanto as palestrantes se organizavam para fazerem sua fala, as pessoas circulavam pelo espaço comprando turbantes, roupas, acessórios, vendo amigos, conhecidos, brincando com as crianças. A presença maciça de pessoas *negras* naquele ambiente, que mesmo sendo popular não é majoritariamente *negro*, chamava a atenção daqueles que estavam ali para compras. Interessante pensar como uma concentração de pessoas *negras* em qualquer espaço

pode causar uma inquietação, um incômodo, no mínimo um burburinho. O corpo *negro* já é um desafio à convivência, quando ele está concentrado e conectado a tantos outros, inclusive de crianças e pessoas mais velhas; as pessoas ficam, para dizer o mínimo, curiosas. Eu ouvia as pessoas comentarem e perguntarem com curiosidade o que estava acontecendo ali, se era um evento “contra o racismo”. O que queriam aquelas pessoas naquele espaço que geralmente está ocupado para o consumo?

Quando as palestras começaram, a maioria das pessoas sentou para escutar atentamente, fazer anotações e ouvir a fala das palestrantes. Mas o burburinho do evento sempre continuava. As pessoas estavam à vontade, eram espontâneas e continuavam a conversar, mesmo com uma palestrante falando. Não se tratava de um ambiente esterilizado como o da academia brasileira (majoritariamente *branca*), mas de um ambiente festivo, onde se falava e se escutava ao mesmo tempo. O barulho dos comentários feitos enquanto uma palestrante falava era dramaticamente sobreposto ao som do amplificador que levava a voz daquela que estava no microfone para todo o ambiente do evento. Eu gravei as palestras com o gravador do meu celular e aprendi muito ouvindo todo aquele material, que foi muito cuidadosamente preparado. Depois das palestras eu me aproximei das palestrantes e das organizadoras, pegando o contato delas para uma possível conversa posterior. Depois que as palestras acabaram, abriu-se espaço para depoimentos. As pessoas se armavam do microfone e contavam sobre sua experiência sobre o *preconceito capilar*, o racismo institucional e todos os assuntos que elas consideravam pertinentes. Interessante reiterar: o Encrespa Geral não é um evento “somente” para falar de cabelo. Aliás, cabelo não é somente cabelo. Ao tocarmos nessa parte do corpo estamos lidando com questões raciais, rejeição, afetividade, micropolítica, religiosidade, *status*, beleza... e outros tantos temas que esse signo pode ensejar.

No Encrespa Geral existe um espaço para as crianças que chama Encrespa Kids. Enquanto os adultos escutam as palestras, elas têm oficina de contação de histórias, turbantes e cuidados com os cabelos. As crianças também davam seus depoimentos no microfone. A presença de pessoas de várias gerações no evento também dava a ele o ar de um espaço para trocas, inclusive, intergeracionais. Um menino por volta dos seus seis anos de idade disse: “Eu quero agradecer a todas as pessoas que participaram do Encrespa Kids e continuam amando seus cabelos!” Todos da plateia ficaram muito comovidos e bateram palmas de maneira muito entusiasmada.

As crianças que estão tendo contato com esse debate e têm seus cabelos crespos tratados desde cedo têm uma experiência, com algumas exceções, muito diferente da experiência que

suas mães tiveram. Eles estão fortalecidos desde muito novos. E já têm um discurso e um arsenal técnico e ideológico que os protege do *preconceito capilar* e do racismo. Quando as pessoas se apoderam do microfone, os relatos são fortes e envolventes. Elas falam dos momentos que tiveram vontade de alisar os cabelos e como passaram pela *transição capilar*. Karen Porfírio também deu seu depoimento e depois disso todos bateram palmas gritando: “Você me representa!”, “Uhu!”.

Não somente pessoas como a Miss Minas Gerais, Karen Porfírio, falaram ao microfone. Outras pessoas também se apoderaram desse instrumento. Arte-educadoras, pessoas que trabalham com salão de beleza afro, pessoas que trabalham com Moda Afro, pessoas que organizam o grupo Crespas e Cacheadas de BH, como Zaika dos Santos, uma rapper. Foram várias e ricas as falas e o evento foi muito alegre e produtivo. O evento durou uma manhã inteira e as pessoas estavam completamente envolvidas pelo clima festivo e de acolhimento.

Depois, quando o evento estava chegando ao final, eu passei pelos *stands* que estavam expostos e uma das mulheres, que vendia turbantes e brincos com formatos de pentes e do continente africano, me disse: “A gente não encontra produtos para a gente, então a gente mesmo faz.” Achei muito interessante a fala dessa mulher que se autoneia afroempreendedora. Não esperar passivamente que produtos adequados e do gosto de uma pessoa *negra* sejam vendidos no mercado comum e assumir o protagonismo ao fazer o próprio produto a despeito dele não existir no mercado. Essa frase foi dita para mim e me marcou profundamente. No lugar de se colocar à margem, no lugar da vítima, essa mulher se coloca no centro da produção. Faz circular seus próprios produtos e se destaca sendo uma multiplicadora de uma estética relegada à invisibilidade, ao esquecimento, ao inadequado. Ela ressignifica todos esses preterimentos e realiza para si e para outras pessoas a valorização de produtos para a população *negra*.

Posso usar como exemplo de espaço de representatividade, ainda, as oficinas que participei no Festival Latinidades em 2015. Esse é um festival da mulher afro latino americana e caribenha. É um Festival multidisciplinar e multitemático que apresenta uma extensa programação para pessoas *negras* de todas as idades e engajamentos. O evento conta com presenças internacionais reconhecidas e com pesquisadoras, ativistas, artistas de várias áreas em sua programação. É um evento para o público *negro*, que acontece em espaços de prestígio de Brasília. E é também uma ocupação interessante do espaço público nessa cidade, que nos segrega e nos aparta de usufruir desses lugares.

A oficina de estética *negra* do evento Latinidades de Brasília contou com a presença de duas mulheres do grupo Meninas Black Power, do Rio de Janeiro. Falar de estética negra é falar sobre cabelos e o tema principal das suas falas foi esse. Uma observação feita pelas palestrantes é sobre a representatividade *negra*. Para elas, uma vez que não somos representados nos comerciais de margarina, mas somos consumidores desse produto, temos que reivindicar a presença de *negros* e *negras* nesses espaços. Usar o cabelo crespo para elas é uma postura política, de empoderamento e auto-aceitação da condição de *negro*. Usos de alisantes e química que alteram os fios dos cabelos são por elas condenados como aproximação de uma estética *branca*.

Nesse encontro, uma das facilitadoras da oficina começou convidando todas as pessoas da plateia a tocarem em seus cabelos. Ela disse: “Vamos começar sentindo a textura de nossos cabelos. O que vem à mente quando fazemos isso?” Ao que uma pessoa da plateia respondeu: “Macio!”, outra falou em voz alta “Amor”. Outra disse baixinho e perto de mim: “Poder!” Aos poucos as pessoas iam se tocando, se sentindo e dizendo o que pensavam sobre seus cabelos.

O toque no cabelo crespo apresenta um significado simbólico especial. Fomos expropriadas do contato com o nosso corpo através daquilo que chamo de *liso compulsório*. O toque, feito de maneira intencional e em público, nos coloca em contato com esse cuidado de si e com o amor interior de que fala hooks (1993). Realizar essa prática de maneira coletiva e em público é de uma potência incrível. Esse gesto nos dá força e faz com que mais espaços como o da oficina de estética do Latinidades sejam espaços de cura e de cuidado.

Outro espaço de representatividade acadêmica é o Ser Negra, do Instituto Federal de Brasília. Pude organizar nesse evento, em novembro de 2013, um seminário temático sobre estética *negra*. Alguns trabalhos foram enviados e debatemos sobre o tema durante o evento, que ocorreu em dois dias. O tema dos cabelos era o principal. Entre as mulheres que estavam presentes, um debate sobre o uso do cabelo liso ou do cabelo crespo surgiu. Chegamos ao consenso de que não há uma associação direta entre usar o cabelo crespo e se aceitar enquanto *negra*, bem como não há uma associação entre usar o cabelo liso e negar seu pertencimento étnico-racial. Esse é um tema recorrente nos debates sobre cabelo e negritude.

Outro tema polêmico foi o do uso do turbante pela mídia e por mulheres brancas. Estariam essas pessoas autorizadas a usar o turbante sendo esse um adereço que é signo de resistência *negra*? Não houve um consenso sobre esse tema e a ideia de apropriação da cultura alheia deixou a polêmica sem resolução em nossa conversa. Pauta de um debate desgastante sobre o tema, a polêmica do turbante sendo usado por mulheres *brancas* foi ostensivamente

levantada no início de 2017. Fui convidada pelo Jornal Correio Braziliense a dar uma entrevista sobre o assunto, mas não aceitei o convite. Considero algumas coisas sobre a polêmica: i) quem pautou o tema que assumiu um amplo debate foram mulheres *brancas* e não *negras*; ii) quando mulheres *brancas* pautam essa temática, ela recebe uma cobertura midiática imensa. Embora eu não queira entrar em pormenores sobre o assunto, que me desgasta e me deixa nauseada, eu aponto aqui esses dois elementos que fazem com que o assunto seja abordado pela grande mídia.

Espaços como os descritos anteriormente são espaços de representatividade. Assim como a internet. Nos grupos de discussão supracitados vê-se que pessoas comuns tornam-se referência umas para as outras. Ao postarem fotos do antes e depois da transição capilar, por exemplo, criam a possibilidade de enxergar no outro muito próximo um espelho possível que não é encontrado nos espaços midiáticos. Cabe ressaltar, ainda, que a grande mídia muito timidamente tem debatido temas como o racismo no Brasil e o próprio fenômeno da *transição capilar*. Com isso, podemos perceber que o tema está na ordem do dia e que não se pode escapar de ter que levá-los em conta, uma vez que na internet ele está sendo trazido à tona de maneira eloquente. Ademais, cabelos custam dinheiro. As grandes marcas de produtos para cabelos têm aproveitado esse fenômeno, que extrapola a questão estética para muitas pessoas negras, nutrindo-se dessa onda para vender seus produtos dos “cachos perfeitos”.

O ciberespaço

Na internet, ao postarmos fotos dos nossos cabelos e recebermos elogios e sugestões de cuidado, estamos criando um espaço de representatividade que não existe de maneira maciça na grande mídia. Como eu pontuei acima, a televisão é um espaço que se caracteriza por ser mais passivo em relação ao engajamento do público e por pautar seus temas de relevância preocupados com, por exemplo, o consumo de massa e oportunidades de mercado. A internet, por sua vez, é acessível a muitas pessoas que podem brincar nesse espaço, expor suas opiniões, fazer um *blog*. Considero ser esse um espaço midiático mais ativo, que permite a participação das pessoas de maneira eloquente.

Um exemplo de brincadeira recorrente nos grupos de discussão sobre bonecas e *hair play*, é o jogo “encontre sua Barbie” realizado no grupo Carapinha do Índico. Mulheres tinham que procurar uma Barbie que se parecesse com ela e postar a foto da boneca ao lado de uma foto dela. Essa brincadeira foi amplamente difundida e eu pedi autorização para usar um pouco

dessa iniciativa em minha tese de doutorado (Cruz, 2017). Essa brincadeira virtual, que envolveu várias mulheres em Moçambique, pode ser vista como uma ironia da representatividade *negra* quando se trata da indústria de brinquedos.

Encontrar uma boneca que se pareça com a nossa imagem é um desafio e tanto para uma mulher *negra* de cabelos crespos. Brincar com essa falta de presença de bonecas *negras* no mercado é subverter uma lógica que invisibiliza nossos corpos na indústria, no mercado, na televisão e nas brincadeiras. Quando mulheres adultas encontram suas bonecas, elas encontram representatividade e jogam com a ideia de que o corpo *negro* e o cabelo crespo podem ser bonitos e podem estar presentes em espaços como os aqui mencionados.

Os três grupos virtuais mencionados neste artigo apresentam em comum o fato de serem espaços para o compartilhamento de conhecimento sobre o cuidado de um corpo. Quando uma mulher negra decide usar o cabelo na textura crespa, novas técnicas de cuidado são acionadas a fim de aprender a *lida* de uma textura diferente de cabelo, de um novo corpo. É muito comum que, sobretudo uma mulher, tenha dúvidas sobre o seu tipo de cabelo e sobre como cuidar dele, a partir do momento em que ela passa a fazer o grande corte.

Nos grupos de discussão da internet e em conversas com as minhas colaboradoras moçambicanas, usar o cabelo na textura crespa significa um desafio tanto existencial quanto técnico. Existencial porque usar o cabelo crespo é enfrentar o *preconceito capilar* em seu corpo de maneira ainda mais eloquente. Técnico, porque não sabemos como cuidar dos nossos cabelos nessa textura. Nesse sentido, o espaço virtual funciona como um lugar de apoio e de troca de *conhecimentos*.

Através do bate-papo do Facebook, uma amiga moçambicana, que decidiu parar de *desfrisar* os seus cabelos, me perguntou como poderia fazer para que eles anelassem. Para que os meus cabelos anelem, eu devo usar um creme adequado para pentear, e fazer a aplicação dele também de forma adequada. Caso eu não proceda dessa forma, meu cabelo não fica cacheado. Mas aparentemente o cabelo dela não ficava cacheado com essa técnica, e ela não via nisso um problema. Conversei, então, pelo Facebook, com Francisca Nzenze, angolana, para que elas trocassem técnicas de cuidado com o cabelo. Parece que as duas têm o cabelo parecido. Francisca foi super solícita e explicou como fazia com seus cabelos. Ela lavava e secava no dia anterior e, ao secar, ela fazia tranças para deixar o cabelo esticado. No dia que ela quisesse usar os cabelos ondulados, ela fazia *twists*, que é torcer duas partes dos cabelos para que eles fiquem cacheados. Com essas descrições, quero salientar dois aspectos desses processos: o primeiro é que todo cabelo precisa de artifícios para ser aceito socialmente; o

segundo é que conhecimentos técnicos nada banais são necessários tanto para mantê-los na textura lisa quanto na textura crespa.

Além disso, há na internet a possibilidade de aprender a cuidar dos cabelos gastando muito pouco dinheiro. As receitas caseiras de hidratação são amplamente difundidas. Esse deslocamento de técnicas possibilita uma mudança na relação de poder, colocando nas mãos de mulheres *negras* a possibilidade de gastar pouco dinheiro cuidando de seus cabelos e de produzir seus próprios produtos. O gel de linhaça, por exemplo, é um gel feito apenas com água e um pouco de linhaça. Coloca-se uma colher de linhaça em um copo de água e deixa-se ferver por cinco minutos. Com isso obtêm-se um gel pronto para ser aplicado nos cabelos. Testado por várias mulheres das redes sociais, inclusive por mim, esse gel deixa o cabelo com efeito molhado e define os cachos.

A hidratação de Maizena⁵, por sua vez, é feita com a mistura deste produto com qualquer hidratante, que pode custar muito barato. Esses e outros conhecimentos podem ser obtidos através da internet. Há muitas outras técnicas para cuidar dos cabelos crespos, como a texturização, que é a modelagem dos cabelos com um creme para pentear. Modela-se o cabelo com a ajuda de canudinhos próprios para isso e o cabelo fica com cachos muito bem definidos. A hidratação também é sempre indicada para quem possui o cabelo crespo. Considerados secos, os crespos precisam ser sempre hidratados para que tenham brilho e vida. Muitas mulheres que decidem usar o cabelo crespo têm um arsenal de produtos em casa para experimentar. Os resultados são publicados na internet para que sejam comentados e compartilhados. As mulheres fazem elogios umas às outras, sendo esse um gesto encorajador e empoderador para que sigamos usando nossos cabelos nessa textura.

O espaço virtual, bem como os encontros que são organizados em torno dos cabelos, assume um caráter político e de compartilhamento de conhecimentos e técnicas sobre o tema. Mulheres, e mais raramente homens, encontram-se nesses espaços para conversar e trocar conhecimentos sobre o tema, bem como para se ajudarem mutuamente e se protegerem do racismo. Poderíamos afirmar que grupos como o Crespas e Cacheadas do DF, o A(r)mando o Black e o Carapinha do Índico são movimentos associativos, que buscam reunir mulheres e homens em torno de um bem comum. Como me falou Beatriz, uma das organizadoras do Encrespa Geral de Brasília realizado em 2014: “Cabelo é uma coisa que mexe muito com autoestima. A gente tenta trabalhar com a questão da autoestima. Para mim a autoestima está

⁵ Maizena é uma marca de farinha de amido muito conhecida no Brasil.

muito relacionada à auto-aceitação. O cabelo é como se fosse a porta. Quando você tem o cabelo arrumado, as pessoas te recebem bem, quando ele não está arrumado, elas te recebem mal.”

Eles funcionam, assim, como espaços para trabalhar a autoestima. Os espaços da internet e os eventos realizados por nós podem ser compreendidos como um movimento associativo ou como um espaço de *lutas por reconhecimento*. O termo *lutas por reconhecimento* utilizado por Honneth (2003) visa ser um modelo para a análise de conflitos sociais contemporâneos através de um conceito de luta social. Quando nos organizamos de maneira voluntária para um piquenique, um encontro onde há palestrantes *negras* falando sobre cabelos, ou quando nos tornamos amigas, estamos nos associando e construindo laços que visam combater a falta de reconhecimento que nos é direcionada. À conceituação de *lutas por reconhecimento* interessam as relações micropolíticas que não estão ancoradas ao Estado (Honneth, 2003). Não se trata, portanto, de uma luta pelo poder, mas uma luta por reconhecimento.

Passar a usar o cabelo na textura crespa representa, para grande parte das mulheres que conheci, um desafio à norma. Esse desafio é vivenciado muitas vezes de maneira dolorosa, mas na maioria das vezes com muita força e coragem. Algumas vezes no interior da própria família acontece uma reação de rejeição, e o enfrentamento por estar com os cabelos crespos encontra obstáculos difíceis de serem enfrentados. Tanto na internet como nos encontros que pude presenciar, a linguagem do desabafo é algo recorrente de se lançar mão. O desabafo é, a meu ver, uma linguagem utilizada a fim de se receber um acolhimento para momentos difíceis.

Utilizado a partir de um recurso retórico eloquente, ele abre espaço para que comentários encorajadores sejam feitos quando uma mulher está passando, por exemplo, pela *transição capilar*. Ele é utilizado para se tomar coragem antes de fazer o grande corte, ou quando já não se aguenta mais ouvir comentários ostensivos sobre os seus cabelos. Quando desabafamos, esperamos ser escutadas por alguém. Quando fazemos isso na internet, o público é tão amplo quanto desconhecido. Mas, mesmo escrevendo para serem lidas por desconhecidos nos grupos mencionados, tais grupos têm em comum o intuito de reunir pessoas com experiências afins. Geralmente esses desabafos são acolhidos com palavras de estímulo e com trocas de experiências que são semelhantes. O desabafo é algo catártico. E as reações a ele são as mais diversas.

O desabafo se apresenta como uma linguagem para a cura. Para a libertação de sentimentos de rejeição e de inadequação. Ele às vezes vem acompanhado de choro, sendo um ato público catártico. O choro algumas vezes é compartilhado, sendo esse momento presenciado

com muito respeito e silêncio para a escuta atenta. Com esse gesto, confiamos nossos sentimentos mais profundos a pessoas que são desconhecidas, mas que têm algo em comum conosco. Isso cria um laço de parentesco, de irmandade que extrapola os laços consanguíneos, de idade, de lugar de moradia e até mesmo de gênero (Lorde, 2009). Uma fraternidade atravessada pela linguagem e pelo compartilhamento de sentimentos que são muito difíceis sobre a *lida* com o cabelo crespo. O acolhimento é fundamental, pois o que mais encontramos em outros espaços são as piadas, as perseguições, a crítica. Dessa forma, reitero a ideia de que esses espaços de encontros e na internet funcionam como espaços de cura para as dores causadas pelo *preconceito capilar*.

As pessoas do grupo Carapinha do Índico não têm o costume de realizar encontros pessoais como os piqueniques do grupo Crespas e cacheadas do DF e o A(r)mando o Black de Belo Horizonte. Eu comentei no grupo, em 2015, que no Brasil estavam acontecendo encontros presenciais e sugeri que fizéssemos algo parecido em Maputo. Eu me apresentei no grupo mencionando como ocorriam os encontros em Brasília e elas se prontificaram a responder. Depois dessa conversa, eu entrei em contato com algumas mulheres que se dispuseram a ceder uma entrevista e também fizemos um encontro no Parque dos Namorados.

O Encontro, estimulado por mim, foi bastante interessante. No começo, as pessoas estavam muito desconfiadas e não sabiam se aquelas pessoas que estavam ali eram confiáveis. Encontrar com desconhecidos as deixou reticentes quanto à segurança do evento. Chegaram seis pessoas e elas ficaram conversando sobre suas experiências em usar o cabelo na textura crespa. Nesse piquenique eu era uma pesquisadora e eles me colocaram nessa condição de diferença. A conversa fluía entre eles. Eu às vezes fazia perguntas para que eles voltassem a conversar entre si, às vezes falava da minha experiência sobre usar o cabelo crespo. Quando eu disse que no Brasil eu sou considerada *negra*, eles me olharam com ares de espanto e não concordaram com a minha afirmativa. Estranho que eu mesma não me sentia *negra* perto deles e pude compreender no corpo a diferença entre ser *negra* e ser *mestiça* em Maputo. Eu me olhava no espelho e me sentia menos *negra*, mas também não me sentia *branca*.

O tratamento dispensado a mim por minhas interlocutoras era sempre de muito acolhimento. Elas me colocavam, sobretudo, na categoria de brasileira. E, em segundo lugar, na categoria de *mestiça*. Meus cabelos eram considerados muito bonitos e desejados. Não foram raras as vezes que recebi o pedido para que os deixasse crescer, cortasse e os desse de presente. Eu ficava sentida com a hierarquia que era colocada em torno dos meus cabelos. Ficava embaraçada. Foi um motivo de tristeza para mim constatar essa diferença. Assim como foi triste

para Vanda, no início deste texto, compreender o fato de que mulheres *mestiças* não estão satisfeitas com seus cabelos.

Ademais, por causa dos meus cabelos, conheci pessoas que me abordavam na rua. Perguntavam se eram meus, se eu havia trançado em mim e onde eu teria comprado. Pediam para tocar neles. Ao mesmo tempo, meu cabelo era considerado *leve*, o que fazia com que algumas cabeleireiras os desprezassem para fazer penteados, porque eles não tinham uma textura adequada para as tranças. A trança é um recurso para dar beleza a um cabelo considerado feio, indesejado.

Foi criado um álbum pelos participantes do A(r)mando o Black que continham fotos do antes e depois da transição capilar. Esse álbum ilustra a *transição capilar* de algumas pessoas e revela a transformação que essa passagem implica. Esse material foi utilizado para ser projetado na peça do meu irmão Lucas Costa, *Memórias Póstumas de um Neguinho*, e é revelador da potência transformadora pela qual passamos ao assumirmos o cabelo crespo. Imagens coletadas em um álbum de grupo são utilizadas em uma peça encenada em Belo Horizonte. Essa conexão entre ciberativismo e arte política fortalece a ação daquelas pessoas que participam do grupo, transformando um álbum (de família crespa) em um manifesto artístico.

Trançando considerações finais

Como evidenciei neste texto, o ciberativismo é a atuação tanto no espaço da internet quanto fora dela. Ele implica em uma verdadeira fraternidade crespa nos termos utilizados por Lorde (2009), ou seja, encontra-se um espaço para falar daquilo que toca mulheres diferentes em pontos comuns. Vemos, ainda, que essa atuação, além de indicar uma fraternidade crespa de trocas de conhecimentos, técnicas, linguagens, afetos e desafetos, simboliza a existência de um espaço de representatividade. Falei que a televisão se apresenta como um espaço passivo de consumo de conteúdo. Enquanto a internet permite que a atuação, apesar de suas barreiras de classe e mercado, seja mais ativa. Essa diferença faz todo o sentido se pensarmos na forma como se posicionam as mulheres e os poucos homens que acompanhei. É fato que a televisão tem se construído com aquilo que está pautado pela internet, mas é na *web* que as pessoas se sentem livres para criar debates, *blogs*, *vlogs* e outras formas de expressão. É também o espaço que as pessoas encontram para rebater aquilo que é passado na televisão, que em geral tem um

formato controlado e roteirizado. A possibilidade de inventar para si um espaço de representatividade é possível somente graças aos formatos encontrados nos canais da internet.

As categorias que classificam mulheres negras e mestiças em Maputo e mulheres negras em Brasília são diferentes. Embora estejamos tratando de um fenômeno global, esse encontra ressonâncias distintas em cada um dos contextos. As mulheres e homens em Brasília e Belo Horizonte encontram-se pessoalmente para compartilharem suas angústias e sentimentos. Já em Maputo, esses encontros presenciais são mais raros e alguns deles aconteceram graças ao meu convite. Essa diferença não altera, contudo, a qualidade dos encontros virtuais. Eles também são muito potentes e constroem representatividade, imagens e trocas simbólicas importantes. Esses espaços que foram por mim observados, tanto virtualmente quanto presencialmente, são, assim, espaços de lutas por reconhecimento. As pessoas envolvidas nessas trocas buscam, através da estética, se pensarem como corpos-desafio para um padrão que era relegado ao feio, ao impuro, ao temeroso. Quando mulheres usam o cabelo na textura crespa, elas constroem para si uma identidade política e estética e desafiam os padrões de beleza e consumo que aprenderam a apreciar quando eram crianças.

Ainda sobre os espaços de representatividade, é interessante observar que eles surgem há décadas, em alguns lugares de maneira mais ou menos pungente, com os movimentos negros e iniciativas de associativismo. O que se observa contemporaneamente no Brasil é o fortalecimento dessas redes que estão ganhando força em todo o país e “saindo do controle” no que se refere à expansão de suas formas de atuação. Cada mulher e homem negros no Brasil tem se tornado uma força antirracista e os grupos na internet têm surgido como ferramenta importante para esse posicionamento. Os espaços de representatividade são, assim, criados à revelia do que a mídia hegemônica produz. Eles têm, inclusive, forçado que esta se posicione, se manifeste e atente ao crescimento do uso da categoria negra como categoria política e identitária.

Já em Maputo, o movimento de uso do crespo passa por uma outra configuração. Como as minhas interlocutoras gostam de afirmar, a categoria negra não é uma categoria identitária relevante. A maior parte da população moçambicana é negra. As relações inter-raciais com mestiças e brancas atualizam essa categoria. Mas isso só se dá em relação. As mulheres negras em Maputo, contudo, usam de traços fenotípicos para se dirigirem umas às outras. Os movimentos de uso do cabelo crespo apontam para uma estética que vem sendo valorizada globalmente e localmente, mas não indica um posicionamento racial. O presente texto foi uma tentativa de aproximação de contextos tão distintos em conexões que estão sendo realizadas

contemporaneamente. Tanto mulheres negras brasileiras quanto mulheres negras e mestiças em Maputo têm se inspirado mutuamente. Uma troca simbólica da estética está atravessando novamente o Atlântico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. Que leveza busca Vanda? Ensaio sobre a lida do cabelo crespo no Brasil e em Moçambique. Tese de Doutorado. Brasília, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, nº. 21, 2002.

_____. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (Trad. Luiz Repa). São Paulo: Ed. 34, 2003.

HOOKS, Bell. Living to Love. In: KIRK, Gwyn; OKAZAWA, Margo. (Eds.). *Women's Lives: Multicultural Perspectives*. Boston: McGraw Hill, 1993.

_____. Alisando nossos cabelos. *Revista Gazeta de Cuba*. Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005.

_____. Love as the practice of freedom. In: *Outlaw culture. Resisting representations*. New York: Routledge, p: 243-250, 2006.

LORDE, Audre. *Uses of the Erotic: the erotic as power*. Kore Books, 1981.

_____. Is Your hair still political?. 1991. In: *I am Your sister*. Oxford University, 2009.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. *Estudos Afro-asiáticos*, nº.38 Rio de Janeiro Dec. 2000.